

Uma Análise Crítica das Relações de Poder e Saber na Escola

Nathália Cristina Medeiros Maia



8

Introdução

O presente Relato de Experiência tem como propósito geral desenvolver uma crítica de caráter descritivo sobre a experiência do Estágio Supervisionado de Formação de Professores II (Filosofia), conforme as vivências que foram desenvolvidas em uma Escola da Rede Pública de Ensino. Nessa perspectiva, este texto busca evidenciar as atividades realizadas, a partir das características da escola, do planejamento didático, da observação dos aspectos metodológicos do ensino e da aprendizagem, dos critérios de avaliação, da pedagogia aplicada, da relação dinâmica entre professor e aluno e das interações coletivas em sala de aula, com a finalidade de examinar a educação voltada para o pensamento crítico acerca da circunstância escolar e também no que concerne às práticas educacionais adotadas pelo educador, ao usar como base teórica a obra *Microfísica do Poder* de Michel Foucault. Contudo, busca-se evidenciar o conceito de poder associado ao saber, com o intuito de vincular a teoria filosófica com a investigação da prática docente, ao referenciar às relações de poder que são constituídas na conjuntura institucional e consequentemente perpassadas pela sociedade por uma dimensão estrutural. Portanto, procura-se apontar os pontos fortes e os pontos fracos da realização do estágio, a fim de expor os pontos fortes, os pontos fracos e apontar possibilidades de resultados que tenham como elaboração os aspectos sociais que foram compartilhados na conjuntura escolar, assim como procura-se elaborar uma conclusão que considere as dificuldades na realidade institucional, ao vincular com os

dispositivos de repetição e dominação de ordem epistemológica e pedagógica, porém que promova alternativas para refletir sobre a criação de uma docência efetiva e que possa contribuir com o pensamento e com a construção de linguagens e métodos inovadores.

Metodologia

Este relato de experiência desenvolve uma análise a partir das observações e também das dinâmicas de diálogo com o professor e os alunos, as quais foram feitas em uma Escola da Rede Pública de Ensino em Tempo Integral e Educação Profissional Técnica de Nível Médio, que está localizada em Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, a partir do período 15/09/2022 até o dia 17/11/2022, durante as segundas e quintas-feiras.

Conforme o Projeto Político Pedagógico da escola, a identidade institucional é mantida pelo Estado do Rio Grande do Norte. A escola possui dezenove salas de aula, sala de professor, sala da direção, sala da coordenação pedagógica, secretaria, sala de digitação, biblioteca, sala multifuncional, laboratório de informática, laboratório de ciências (física, química e biologia), laboratório de matemática, auditório, almoxarifado, quinze banheiros, dois vestiários, uma pequena horta, uma cozinha e pátio interno.

Durante a experiência de estágio, as seguintes atividades foram realizadas: observação da escola, observação da sala de aula, observação da relação professor-aluno, análise do material didático, análise da turma, observação das atividades escolares, caracterização da comunidade

escolar, observação dos recursos didáticos utilizados pelo professor, atividade de planejamento, pesquisa bibliográfica na escola, planejamento de atividades, observação da instituição, observação das intervenções e regências dos estagiários, análise da estrutura escolar, atividade de pesquisa, dinâmica coletiva e integrativa com os estudantes e anotações para desenvolver o relato de experiência.

Portanto, os procedimentos metodológicos adotados durante a experiência de estágio, tiveram como base predominantemente os critérios de observação e análise dos aspectos estruturais da dimensão institucional, do ensino, da relação professor-aluno e também dos aspectos específicos da disciplina de Filosofia.

Ademais, é importante evidenciar a dinâmica coletiva e integrativa que foi desenvolvida pela autora deste relato e outros dois estagiários de Filosofia. A atividade coletiva e integrativa teve como propósito principal entrevistar os estudantes, por meio de um questionário simples, a fim de questionar os alunos acerca da estrutura da escola, da disciplina de Filosofia e dos conteúdos estudados na matéria, de modo presencial, com o propósito de direcionar ao público-alvo da instituição, a partir do diálogo com os discentes das turmas das três séries de Ensino Médio dos períodos integrais. As perguntas foram feitas no formato de diálogo com os alunos, durante o intervalo, com a ideia de criar análises e identificar problematizações sobre a escola e os conteúdos da disciplina de Filosofia, ao ter como base as respostas dos discentes.

A metodologia foi pensada para ser feita

nas dependências escolares, por meio de uma dinâmica de correspondência direta entre os estudantes de Ensino Médio e os estagiários, através de entrevistas pessoais que se dirigem à recepção dos estudantes em relação aos assuntos da sala de aula, ao seu gerenciamento de informações, bem como a sua apreensão e associação de conteúdos à própria visão de mundo e realidade social do aluno.

O exercício tinha como propósito ouvir as revisões e possíveis críticas dos estudantes sobre questões relativas à instituição e aos conteúdos da disciplina de Filosofia. Os recursos de que dispõe o escopo da iniciativa conjunta dos estagiários aparecem nas revisões de conteúdos bimestrais, com os alunos, ou nos encontros para retirada de dúvidas a respeito da disciplina. Portanto, algumas descrições e análises das questões propostas serão elaboradas na terceira parte a seguir, isto é, acerca do desenvolvimento do relato de experiência; e algumas das respostas que foram obtidas dos alunos serão detalhadas na quarta parte, sobre os resultados e discussões gerais. Assim, por ora, aqui fica expresso apenas o modelo por meio do qual a metodologia foi pensada.

Desenvolvimento do Relato de Experiência

Durante o estágio foi possível observar com maior ênfase a relação do professor com os estudantes no contexto da sala de aula, bem como se tornou viável analisar as atividades ministradas pelo docente, a metodologia pedagógica aplicada, a explanação dos conteúdos didáticos, a instrução e a elaboração de exercícios para classe e ex-

traclasse. Além disso, é importante evidenciar que o professor da disciplina de Filosofia não tem formação na área, mas possui graduação em Ciências Sociais, atuando profissionalmente como docente em ambas as matérias.

A começar pela análise descritiva do espaço de ensino e a relação professor-aluno, foi constatado que havia uma instabilidade em relação ao lugar em que as aulas eram ministradas. Por vezes, as aulas de Filosofia aconteceram na sala de música, outras ocorriam na biblioteca e na sala de informática. A sala de informática era considerada a sala do professor, onde tinham computadores que os alunos podiam usar à vontade para pesquisarem sobre algum tema determinado pelo docente. Nesse sentido, foi possível notar uma instabilidade no que diz respeito ao local de ensino e também no que diz respeito à definição dos dias e horários de aula.

Embora existam problemas de caráter organizacional e estrutural, os quais puderam ser analisados no contexto escolar, outras questões mais específicas e problemáticas foram evidenciadas na realidade de ensino e também no que concerne à relação professor-aluno. Entre elas, posso relatar o acontecimento que se deu em sala de aula, durante um determinado dia do mês de outubro, em que o professor chegou em sala propondo uma atividade sobre patrimonialismo, com o intuito de fazer os alunos refletirem sobre a importância da preservação dos patrimônios públicos, bem como sobre um sentido moral que pudesse levar os estudantes a pensarem e a identificarem como sendo erradas as práticas de vandalismo e

de pichação dos bens pertencentes à esfera pública ou privada. Depois de explicar a proposta do exercício, o docente disse que era preciso responder a essas questões porque houve um caso em que duas estudantes picharam um ônibus escolar e foram filmadas, e por esse motivo, a secretaria dos transportes públicos exigiu a suspensão do ônibus para a rede de ensino. Assim, muitos alunos residentes de zonas interioranas ficaram prejudicados por essa punição feita de forma generalizada. O professor considerou a atitude das alunas inadmissível e fez reclamações, durante os horários de todas as aulas que foram ministradas no mesmo dia, na medida em que ele também concordou com a punição que foi feita pela secretaria, visto que as pichações são consideradas erradas e um descaso aos bens públicos. Portanto, há de se evidenciar que foi através de um processo histórico que a figura do docente passou a constituir comumente um papel de autoridade, bem como o professor passou a ser considerado responsável pela ordem da classe e pela atitude de moralização, por intermédio do ensino (Tardif, 2008, p. 63).

Sobre essas questões polêmicas que envolvem relações de controle, por um viés de vigilância e de punitivismo, é possível citar como referencial teórico a ideia de Michel Foucault (1926 - 1984), a partir de sua obra *Microfísica do Poder* (1979), sobre a qual considera que há uma relação íntima entre o conhecimento e o poder



dentro da sociedade. De acordo com o filósofo, o discurso que ordena a coletividade é sempre o posicionamento daquele que possui o saber. Nesse sentido, em termos estruturais da sociedade, o pensamento adotado pelas autoridades, passa a se consolidar com mais influência no contexto das relações coletivas.

Entretanto, para Foucault, os indivíduos também são capazes de determinar o saber através do poder que lhes é conferido. Sobre essa perspectiva, o filósofo considera o seguinte:

Trata-se [...] de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações [...] captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam [...] Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício (Foucault, 1979, p.182).

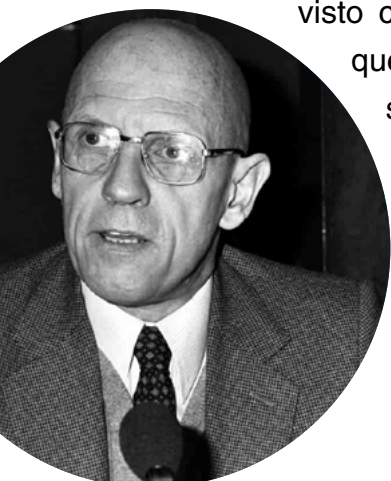
Na visão do filósofo contemporâneo, o poder é uma prática criada socialmente, sobre a qual está em constante mudança, a depender da realidade social de que se trata. O ambiente escolar institui a disciplina e o punitivismo como forma de controle pedagógico, como pode-se evidenciar na seguinte passagem: “É a estrutura escolar que legitima o poder de punir, que passa a ser visto como natural. Ela faz com

que as pessoas aceitem tal situação. E dentro dessa estrutura que se relacionam os professores, os funcionários técnicos e administrativos e o diretor” (Tragtenberg, 1985, p. 69). **Foucault** considera

que as relações de poder estão inseridas em toda sociedade e elas promovem crenças e ações que vão além das instituições, visto que, estão vinculadas à coletividade, e às ações provocadas sobre si mesmas no âmbito relacional e por isso, também podem ser evidenciadas nas demais conjunturas institucionais, políticas e educacionais.

Outro acontecimento problemático que pôde ser pontuado, foi um caso envolvendo questões políticas e ideológicas, visto que estava próximo do momento das eleições presidenciais. O acontecimento se deu quando alguns alunos acusaram uma professora e outra funcionária de terem colocado um adesivo de Lula na parede da escola, sem autorização. Devido a esse tipo de acusação sem provas, o professor de Filosofia levou essa reclamação para sala de aula, ao dizer que estavam culpando duas pessoas inocentes e que isso poderia gerar um problema sério, visto que tratava-se de calúnia e difamação. Assim, o docente alegou que tinha visto nas câmeras e em nenhum momento a professora e a funcionária colocaram esse adesivo.

Além desses fenômenos citados anteriormente, houve outro grave problema, de aspecto infraestrutural. Durante um evento ocorrido na escola, perto do final do quarto bimestre, teve uma banda que se apresentou ao vivo na cantina da instituição, e devido as fortes vibrações sonoras, uma parte do teto do refeitório desabou, o que levou a causar medo nos alunos, professores e demais funcionários, embora ninguém tenha se ferido. A fim de evitar maiores estragos, por ordem da direção, o lugar da festa ficou



interditado durante alguns dias, para evitar situações de vulnerabilidade.

Portanto, foi com base nas observações e experiências vividas no estágio, que a autora deste relato e outros dois estagiários criaram a proposta de realizar uma entrevista, durante o intervalo das aulas, que tivesse como propósito dialogar com os alunos das demais turmas de Ensino Médio, a fim de perguntá-los sobre o que eles pensavam acerca da infraestrutura da escola, assim como sobre o que poderia ser melhorado na instituição, no ensino e, mais especificamente, na área de Filosofia e também no que diz respeito à didática dos conteúdos ministrados pelo docente ou sobre possíveis dúvidas acerca de algum assunto específico sobre os temas das aulas. Como por exemplo as seguintes questões: “Você gosta da disciplina de Filosofia? Se sim, qual foi o assunto ou filósofo que mais gostou?”; “Você acha os conteúdos de Filosofia fáceis ou difíceis de compreender?”; “Você considera que o professor de Filosofia tem uma boa didática?”; “Existe algum problema na escola que você acha que poderia melhorar em relação ao ensino?” e entre outras questões que ajudassem os discentes a desenvolverem algum tipo de reflexão e análise crítica, tanto sobre a disciplina, como também a respeito do ensino e da instituição em si.

Ainda que tenham acontecido vários eventos problemáticos, o estágio constituiu uma experiência relevante para a formação profissional da autora deste relato, pois este a permitiu analisar de forma presencial o contexto da rede de ensino público, na medida em que também foi possível observar a relação professor-aluno, bem como o pla-

nejamento, a didática e a metodologia pedagógica aplicada, a fim de colaborar com a construção da vivência enquanto docente.

No entanto, foram identificadas algumas dificuldades relacionadas às questões políticas e pedagógicas no ensino público, à falta de investimento institucional, à defasagem da estrutura e organização educacional. Alguns pontos fracos que foram observados: falta de organização na prática educacional (como por exemplo, instabilidade, ausência de disponibilidade de salas adequadas e projetores), problemas metodológicos e pedagógicos, pouco aprofundamento nos conteúdos filosóficos, defasagem estrutural (parte do teto da cantina foi desabado), pouca merenda para os professores e alunos, falta de investimento público, atraso dos salários dos professores, entre outros.

Resultados e discussões gerais

Esta parte dedica-se a expor algumas respostas que foram obtidas através dos alunos, sobre as questões dialogadas com os alunos, por intermédio da entrevista, de forma interativa e integrativa, que já foi mencionada na metodologia e no desenvolvimento do relato de experiência.

Em um certo dia de estágio, durante o intervalo das aulas, a autora deste relato e outro estagiário elaboraram um questionário simples, com o propósito de realizarem uma entrevista com alguns alunos do Ensino Médio. Assim, perguntamos para eles o seguinte: “O que você acha do ensino integral da escola?”, “Você gosta da disciplina de Filosofia?”; “o que acha que poderia melhorar?”; “Vocês se identificam mais com o Empirismo ou o Racionalismo? E por que?”.

E eles responderam de forma muito similar da seguinte maneira: “Gostamos do ensino da escola, mas por ser integral chega a ser cansativo, porque ficamos o dia todo na escola”; “Eu gosto mais ou menos de Filosofia... na realidade, eu poderia gostar mais da matéria se o professor interagisse mais com a gente e se apresentasse melhor os conteúdos para nós”; “Eu gostei mais de Filosofia quando vieram os estagiários dar aula, porque eles interagiram mais com a gente”; “Na maioria das vezes o professor só pede para a gente pesquisar os assuntos de Filosofia por nós mesmos na sala de informática”; “Me identifico mais com o empirismo porque tem mais a ver com a minha realidade, acredito que conhecemos as coisas na experiência do dia a dia”; e por fim “Acho que a estrutura da escola poderia melhorar”. Através dessas respostas foi possível analisar algumas perspectivas críticas dos discentes em relação à infraestrutura escolar, ao ensino da matéria de Filosofia e também aos desafios que muitas vezes são vivenciados no cotidiano dos estudantes da rede pública de ensino.

Portanto, ao analisar as respostas dos alunos e indo por uma direção mais crítica acerca da relação do docente com os discentes, bem como ao observar a metodologia pedagógica, a didática aplicada no ambiente institucional, as questões estruturais da escola, os conteúdos específicos da disciplina de Filosofia, as demandas dos alunos por instrução e socialização, torna-se evidente que através de uma educação democrática, inclusiva, reflexiva, educativa e crítica, os professores também têm muito o que aprender com os alunos, visto que

as metodologias adotadas devem ser repensadas de modo que possa existir uma recíproca troca de ensino e aprendizagem. Nas palavras de Paulo Freire: “Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade” (1996, p. 13-14). Através da dinâmica de ensino-aprendizagem, a experiência educacional pode se realizar de forma inteira, a fim de pôr em prática as teorias pedagógicas de maneira efetiva, ao compreender que para ensinar é necessário antes aprender, por meio da relação mútua entre os discentes e docentes.

Ao considerar essa análise crítica sobre a experiência teórica e prática do estágio supervisionado, podemos nos aproximar de uma conclusão que compreende as relações de poder e também de saber como parte de um processo histórico que tem como objetivo criar convenções coletivas, as quais possam ter a capacidade tanto de controlar a sociedade, como também de combater o controle hierárquico, a depender dos movimentos sociais e políticos que sejam adotados, como alternativa de busca pela mudança da realidade social, conforme Michel Foucault considera acerca das discussões e dos acordos que se estabelecem coletivamente, através de uma dinâmica processual e histórica.

Conclusão

Em síntese, a experiência de Estágio Supervisionado de Formação de Professores

II na instituição de ensino possibilitou a observação e a análise não só da estrutura escolar, como também das relações humanas que ocorrem entre os alunos, professores, funcionários e entre aqueles que também participam da conjuntura institucional.

Nesse sentido, ao utilizar a teoria de Foucault sobre as relações de poder existentes na escola, sob uma perspectiva crítica e filosófica, podemos considerar que o conflito do poder e saber na conjuntura escolar tende a ser mais complexo do que parece, tendo em vista que existem várias realidades e classes sociais diferentes (como por exemplo: pessoas da periferia, alunos que moram em zonas interioranas, proletários, entre outros) que convivem no mesmo ambiente educativo.

Embora a instituição escolar adote uma teoria e metodologia de ensino mais voltada para o viés democrático, pedagógico, sob uma linhagem educativa e crítica, ainda assim há desafios que devem ser superados sobre o que concerne às relações entre os alunos e professores, entre o Estado e os docentes, na forma como o conteúdo é abordado em sala de aula, etc.

Portanto, as relações de poder e saber na escola devem ser direcionadas não só para a teoria democrática, inclusiva e crítica, como também devem se direcionar à prática, com a finalidade de promover relações de boa convivência entre alunos, professores e funcionários de maneira ainda mais próxima da realização de um ideal que preza pela autonomia, solidariedade, empatia, inclusão e igualdade de direitos, mesmo diante das diferenças, de modo a descentralizar a figura das autoridades e a ampliar

o exercício da isonomia na escola, com o objetivo de também romper com qualquer relação de dominação e opressão, a fim de incentivar uma educação cada vez mais crítica e reflexiva.

Referências

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

TARDIF, M., LESSARD, C. A escola como organização do trabalho docente. Tradução: João Batista Kreuch. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

TRAGTENBERG, Maurício. Relações de poder na escola. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, v. 1, n. 4. pp. 68-72, 1985. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64451985000100021>>